

A Velha Mansão

Telmo travou de repente com um peão, quase fazendo o Pedro bater nele, tal a velocidade a que pedalavam.

- Bolas, Telmo! És doido ou quê?

- Chiu, - murmurou o outro – alguém te pode ouvir.

Desmontaram das bicicletas e encaminharam-se para a berma do caminho. Depois de as esconderem nos arbustos, caminharam mais algumas dezenas de metros sempre junto ao arvoredor, evitando a luz intensa do luar. Pararam. Agacharam-se e aguardaram. A velha mansão erguia-se para lá dos últimos ramos, escura e decadente. Paredes castigadas pelo tempo e presas pelas heras, pareciam querer guardar para sempre segredos arrepiantes. No topo, o telhado abaulado¹ impedia que alguém se aventurasse dentro do sótão da velha casa. Algumas janelas destroçadas completavam o ambiente assustador.

Três longos minutos passaram até terem a certeza que nada mexia.

Os dois rapazes entreolharam-se acenando levemente com a cabeça. Levantaram-se e, cautelosamente, encaminharam-se para a casa, acompanhando a vedação pelo lado de fora. A ideia era entrar ao fundo, junto à parte lateral, onde a cerca estava partida. Era mais difícil para alguém os detetar e alcançariam mais rapidamente a casa.

E assim foi. Só pararam junto à esquina das traseiras, envoltos pelo escuro. Uns metros ao lado, metade de uma janela convidava os mais corajosos a entrar.

- Ali! – disse baixinho o Pedro. – Aquele balde velho é suficiente para nos dar uma ajuda. E correu para a lata enferrujada, agarrou-a com

¹ Abaulado - curvo e a cair

as duas mãos como precaução, voltando num instante. Daí a nada já estavam a colocar o balde virado ao contrário por baixo da janela. Sem grande demora Telmo fez-se ao balde, apoiando o pé direito. Apoiando mal, porque logo de seguida desequilibrou-se caindo por cima do balde, e causando grande barulheira. O Pedro soltou uma gargalhada, gozando com o amigo já habituado a estes azares. Tapou a boca para conter mais o riso, ao observar a cara horrorizada do Telmo quando descobriu que tinha esparramado a mão num presente ainda fresco dum vira-lata qualquer. O pobre rapaz rodou sobre si, e por instantes ficou mudo a olhar para a mão, sem saber muito bem que fazer, enquanto o Pedro se continha para não fazer mais barulho.

- Tem muita graça, não tem? – lamentou-se para o amigo, enquanto se levantava. Com a mão livre tirou o pacote dos lenços de papel e foi utilizando um a um até limpar o melhor possível a outra mão. Só do cheiro é que não iria livrar-se. Recompostos², encostaram-se à parede e esperaram o suficiente para confirmarem que não tinham despertado a curiosidade de alguém.

- Bom, agora cuidadinho. – sussurrou o Pedro, enquanto o Telmo iniciava a segunda tentativa.

Desta vez subiu com mais segurança, elevando-se na janela. Com um salto penetrou na escuridão da casa. Pedro seguiu-o, juntando-se a ele. Demoraram apenas breves instantes até se habituarem ao escuro. Naquela noite o luar ajudava à descoberta, mas era também propício³ a criar alguns arrepios.

Uma grande panela ferrugenta ainda pousada no fogão antigo surgiu-lhes pela direita. Estavam na cozinha da velha mansão.

² Recompostos - Outra vez prontos

³ era propício a - era próprio para

Conseguiram distinguir algumas frigideiras penduradas e, no canto oposto, um grande móvel torcido pelo próprio peso que ameaçava cair a qualquer instante.

Após o primeiro reconhecimento, Telmo apontou para o corredor que se iniciava em frente, do outro lado da cozinha. Foi essa a direção que tomaram, tendo o cuidado de se baixarem a cada janela que passavam e que deixasse escapar alguma luz.

Uns passos mais à frente Pedro puxou ligeiramente o casaco do amigo obrigando-o a parar. Encostou-se à parede e sussurrou:

- Vamos parando para podermos escutar. Vai sempre junto duma parede.

Uns segundos depois reiniciaram a exploração. Do outro lado do corredor, uma passagem já sem porta mostrava uma sala ampla de forma retangular. Talvez uma sala de jantar, onde apenas restava no centro uma grande e velho tapete roído. Espreitaram junto à entrada e prosseguiram pelo corredor. No fim, desembocaram⁴ no hall de entrada da casa. Pararam e observaram antes de se exporem. Apesar da escuridão, conseguiam distinguir pelo menos dois corredores que partiam dali para outros compartimentos. Restava escolher por qual queriam seguir, sendo que o mais seguro era a melhor opção. Mas não tinham nenhuma ideia, porque era a primeira vez que estavam na casa que todos diziam ser assombrada. Telmo olhou para o amigo com ar interrogativo⁵. Pedro encolheu os ombros, espreitou e decidiu, apontando para o corredor do lado direito. Nisto, um guincho fez-se ouvir, e os dois amigos quedaram-se⁶, mudos, quase sem respirar, mais parecendo duas estátuas. E logo de

⁴ desembocaram no hall – foram ter ao hall

⁵ ar interrogativo – ar de quem quer perguntar

⁶ quedaram-se – ficaram quietos

seguida um barulhinho abafado que se aproximava, como algo que se deslocava a grande velocidade, deixou-os aterrorizados. Uma leve sensação de que alguma coisa lhe estava a roçar nas calças, fez Telmo olhar para baixo. Dois ratos monstros a passar deixaram-no horrorizado. Deu um gritinho encolhendo automaticamente todo o corpo, ao mesmo tempo que se virava e saltava para trás, indo bater com a testa na cabeça do companheiro.

- Aaau! – deixou escapar. E logo de seguida levou uma palmada do Pedro no cachaço, danado com o espalhafato que o amigo estava a causar.

- Chiça, penico! – disse Pedro entre dentes. – Não és capaz de aguentar nada. Até com uns ratos miseráveis.

Finalmente Telmo acalmou-se, esfregando a testa. Desta vez Pedro decidiu ir à frente e virou para o caminho escolhido.

Mal entraram no corredor, colaram-se de novo à parede. A luz ténue que surgia ao fundo obrigou-os a redobrar a atenção. Pelo meio, três portas fechadas obrigaram-nos a fazer o percurso de uma vez só, antes que tivessem alguma surpresa. À medida que avançavam, puderam perceber o burburinho⁷. O corredor seguia para a esquerda e terminava um pouco mais à frente numa porta lateral, donde provinha a única luz que parecia existir em toda a mansão. Mesmo assim era uma luz débil⁸, o que tornava esta aventura um pouco mais misteriosa.

Os dois amigos sabiam que, de longe a longe, algo se passava naquela casa decrépita⁹. Só não sabiam o quê, mas estavam apostados em

⁷ burburinho – barulho de vozes que mal se ouvem

⁸ débil - fraquinha

⁹ decrépita – a cair aos bocados

descobrir. No entanto, não parecia ser tão fácil como isso porque começava a ser um pouco assustador.

Ruídos. Vindos de trás. O pânico começou a instalar-se naquelas cabecinhas. Estavam na viragem do corredor e não sabiam para onde ir. As portas. As portas eram a única solução, pensou o Telmo. Puxou o Pedro e recuou até à última das portas por que tinham passado. Sem hesitar abriu-a, entraram no escuro e encostaram-na atrás de si sem a fechar pois parecia não ter puxador. Lá dentro não sentiam vivalma¹⁰. Ficaram parados no escuro, olhos arregalados, aflitos, pressentindo que algo de mau estaria para acontecer.

A sensação de que alguma coisa tentava agarrar-lhe o braço levou Telmo a pular para o lado guinchando, horrorizado com a ideia de algum ser monstruoso estar ali.

- Sou eu, - sussurrou o Pedro – anda ver. E viraram-se para a porta, tentando observar pela fresta¹¹. Uma luz trémula¹² surgia, enquanto umas risadinhas eram tudo o que conseguiam ouvir. De repente duas figuras passaram deslizando rapidamente. Uma que lhes pareceu ser uma mulher envolta numa roupa que só parecia ter folhos e uma figura de homem totalmente de escuro. De relance, as caras pareciam muito claras, do outro mundo, o que causou um arrepio imenso no Pedro e umas pernas bambas¹³ no Telmo. Uma vela acompanhava-os, o que justificava aquele tremeluzir¹⁴. Era com certeza também a razão da luz fraquinha que vislumbraram ao fundo do corredor.

¹⁰ vivalma - ninguém

¹¹ fresta – abertura da porta

¹² trémula – que tremia

¹³ bambas – sem força

¹⁴ tremeluzir – o tremer da luz

Aguentaram mais uns minutos e saíram do compartimento, não sem que antes o Telmo esmagasse uma aranha na sua bochecha. Ainda bem que estava escuro.

Avançaram até ao mesmo sítio donde tinham fugido.

- Vamos? – perguntou o Telmo olhando para o fundo.

- Bora lá. – respondeu o amigo – Agora temos que descobrir algo mais.

Num momento estavam na última entrada do corredor. Agora já se percebia melhor o barulho de muitas vozes em simultâneo¹⁵. A luz de várias velas no chão iluminavam uma saleta sem nada lá dentro. Estranho... Não havia saída? Entraram devagarinho e foram levantando as cabeças para o teto. Chamava-lhes a atenção as caveiras desenhadas em cima, possivelmente com fumo das velas. Voltaram-se então para o local donde provinha o barulho. Uma porta de correr à esquerda, logo contígua¹⁶ à de entrada. Aventuraram-se e correram-na ligeiramente para poderem espreitar. Nem podiam acreditar. Meu Deus! O que seria aquilo? Fantasmas? Seres de outro mundos? Feiticeiros? Que grande confusão.

A um canto três bruxas conversavam animadamente ainda com as vassouras na mão. Um mago de túnica branca e chapéu também branco e pontiagudo ria-se para um ser disforme¹⁷ que parecia ter a cara esverdeada a desfazer-se. Enquanto que a mulher dos folhos esvoaçava por entre toda aquela gente. Mais velas por todo o lado e uma música de fundo um pouco lúgubre¹⁸, completavam a cena.

¹⁵ em simultâneo – ao mesmo tempo

¹⁶ porta contígua – porta a seguir à outra

¹⁷ disforme – sem forma

¹⁸ música lúgubre – música que lembra coisas más

Duas mãos ossudas e gélidas agarraram-lhes o pescoço. Tamanho foi o susto que quase desfaleceram¹⁹. Sem querer, o Telmo ainda chegou a molhar as calças.

- Ah, seus fedelhos! – rosnou uma voz rouca, enquanto um encapuçado que mais parecia o carrasco que decapitou²⁰ a Maria Antonieta, os virava para si. Continuou a agarrá-los de tal forma que até doía. Sem saberem o que os esperava, viram--se arrastados para o corredor com o brutamontes sempre a resmungar. Chegados ao hall de entrada da velha mansão, empurrou-os para a porta dizendo:

- Não quero sentir mais o vosso cheiro por perto. Ouviram, fedelhos?

Posto isto, os dois amigos abriram a velha porta pesada e puseram-se a correr desalmadamente só parando junto das bicicletas escondidas nos arbustos.

Aguardaram um instante, para depois o Telmo se mostrar intrigado.

- Ouve lá, Pedro, que dia é hoje? – perguntou ainda ofegante, levando as mãos à cintura.

Após refletir um pouco o amigo esbugalhou os olhos.

- Caramba, pá, é isso! – disse Pedro batendo com a mão na testa - Afinal era só uma festa do Dia das Bruxas.

E desataram à gargalhada quando se aperceberam da figura de parvos que tinham feito, ao procurarem mistério onde este não existia.

¹⁹ desfaleceram - desmaiaram

²⁰ decapitou – cortou a cabeça